

DIA DO COMBATENTE

09 de Abril de 2005

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, GENERAL

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. Luís Amado, Excelência Digna-se Vossa Excelência juntar-se a nós, neste Dia do Combatente. Junta-se aos que aqui estão presentes neste lugar histórico, aos que em todo o país, localmente, evocam e sentem este dia e aos que, ao longo da nossa História, se bateram por Portugal e aqui estão connosco em espírito. As três figuras emblemáticas de Afonso Henriques, Nuno Álvares Pereira e de um Soldado que, a meio, guarnecem a obra monumental que é o Lampadário que ilumina a sepultura dos Soldados Desconhecidos são, desde há 84 anos, o símbolo do universo permanente daqueles com quem nos encontramos nestas evocações.

A presença junto de nós, do mais alto representante da Defesa Nacional, é acontecimento que enriquece quem a isso conscientemente se predispõe, enobrece quem recebe a honra da presença, mas sobretudo dignifica Portugal. Em nome da Liga dos Combatentes e das Associações que neste momento representamos, nomeadamente a ADFA, a APOIAR, a Associação de Comandos, a ANCU, a ACUP, a APVG e a Associação dos ex-Prisioneiros da Índia, apresento a V. Exa. um profundo reconhecimento por, embora ainda no início das suas importantes funções, se ter dignado estar presente neste dia.

Presença que interpretamos, não como presença protocolar, mas como sinal orientador da importância e significado que lhe merece o Homem Combatente e os seus problemas. Aliás como o assinala o próprio programa do Governo. Senhor Vigário Castrense, Excelência Reverendíssima Permita-me uma referência e um agradecimento muito especial a quem, desde há quinze anos, nos acompanha sistematicamente nestes dias de evocação e de memória. A sua presença mais uma vez é reconfortante, prestigiante e testemunho da compreensão que lhe merece o último esforço do Homem na defesa dos Valores que fazem as Pátrias e as Nações. Celebra-se hoje o Dia do Combatente. O dia dos que combatem ou combateram, ou estão ou estiveram preparados para o fazer.

Dia dos que, em qualquer momento ou circunstância do seu país, procuraram ou procuram a Vitória. Mas hoje é sobretudo, o dia dos Soldados. Dos soldados anónimos, mas também dos seus chefes, quantos deles igualmente anónimos. É dia de um estado de espírito, de um estado de alma, de uma condição - o ter defendido os interesses de Portugal quando se tornou necessário o emprego da força. É dia de estropiados, cegos, mutilados, esfrangalhados pela guerra, mas fortalecidos e enriquecidos pelo sentimento do dever cumprido. É dia desses Soldados

Desconhecidos que, ao longo da História, contribuíram para a sobrevivência do seu país nas situações de maior risco.

Risco que, para alguns, os acabou por transformar em pó, mas que jamais sairão da nossa memória coletiva. É desses, a quem as circunstâncias da vida levaram a "perigos e guerras esforçados" e nesses perigos e nessas guerras deram a vida ou a arriscaram, a quem prestamos mais uma vez homenagem. Sim, porque se não se pode deixar esquecer o que foi Grande. Nas Derrotas e nas Vitórias. O mar vermelho da Guerra é formado por gotas de sangue de familiares e amigos. O ter ido à guerra e ter voltado, sem o contributo da nossa gota de sangue final, é vitória que nos une pela vida fora e nos permite reconhecer o Valor dos que a deram. Há precisamente 87 anos que este dia marcou profundamente a nossa História contemporânea. Nesse dia perdia-se uma batalha. Nesse ano ganhava-se uma guerra. Chamaram-lhe Grande Guerra. E foi grande nos seus efeitos e nas suas consequências.

O ano de 1917 e o dia 9 de Abril de 1918 seriam inscritos na História de Portugal e das Forças Armadas como o feito de armas em que, proporcionalmente aos efetivos empenhados, as Forças Portuguesas mais perdas tiveram ao longo da sua História. Portugal e a República tremeram. Os Portugueses choraram e durante anos foi dia de luto nacional. A vida parava, os comboios deixavam de circular e os Portugueses descobriam-se em memória dos que pereceram nesta catástrofe. Mesmo assim o apoio aos que regressavam feridos, mutilados ou gaseados não surgia. Por isso, a Liga dos Combatentes nascia. A instabilidade política que reinou na retaguarda aprofundar-se-ia com a guerra e suas consequências e o país cairia mais tarde num regime de autoridade que só o 25 de Abril viria a interromper. A nossa entrada na guerra e o 9 de Abril de 1918 marcaram profundamente a nossa História, ao longo de todo o século XX e até aos nossos dias.

A 7 de Abril de 1921, três anos depois, dois desses soldados desconhecidos que se bateram em África e na Flandres eram trasladados do Arsenal da Marinha e recebidos em grandiosa homenagem no Congresso, com a presença do Presidente da República, Dr. José António de Almeida, do Governo, do Senado, da Câmara dos Deputados, das Forças Armadas, de representantes da Igreja e de delegações estrangeiras do mais alto nível, seguindo em cortejo triunfal até à estação do Rossio e daí até Leiria, a partir de onde seguiram para o mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha, aqui chegando a 9 de Abril.

Nesse dia seriam condecorados com o grau da Grã Cruz da Ordem da Torre Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, com a medalha de Ouro de Valor Militar e com a Cruz de Guerra de 1ª classe os Soldados Portugueses Desconhecidos. Desde então até hoje, nunca os combatentes deixaram de evocar este dia, aprofundando e alargando o seu significado. Primeiro sob a responsabilidade da Comissão dos Monumentos da Grande Guerra. Depois, a partir de 1936, sob responsabilidade da Liga dos Combatentes, que assumiu a passagem de testemunho moral e institucional e se comprometeu a: promover uma Romagem anual à Batalha, em 9

de Abril; manter o culto do azeite votivo; e garantir a guarda e conservação do Museu das Oferendas. A 2.ª Guerra Mundial mas, fundamentalmente, em termos nacionais, a Guerra do Ultramar de 1960 a 1974, vieram reinstalar feridas profundas entre os que, direta ou indiretamente, viveram situações de guerra e sofreram as suas consequências.

Não somos pequenos demais para evocar esses maiores! Sentimos mesmo que, em alguns momentos da nossa vida, estivemos entre eles. Fomos cidadãos fardados. Fomos soldados. Fomos e somos Combatentes. Por Portugal e pela Liberdade. Como o foram e são outros portugueses nos mais variados sectores da vida nacional. A nós coube-nos fazê-lo da forma mais difícil e dolorosa. Por isso algo de muito profundo nos une. Como soldados de Portugal nunca atacámos ninguém! Como soldados de Portugal sempre defendemos alguém! Conosco Portugal não foi, nem será, um país da não-inscrição. Conosco Portugal acontece. Mas no dia de hoje permita-me uma evocação abrangente da condição e do espírito de Combatente, recorrendo ao poeta quando afirma em poema que intitulou de "Todas as Armas":

A "tua arma é a escrita" A tua poesia o não. Enquanto escreves liberdade Temos outras armas na mão...

As armas da força expedita Armas, Liberdade e Razão Armas que permitem à escrita Dizer livremente... sim... não.

Pátria é a visão infinita Dos que a têm no coração Seja com caneta, marmitta Com escrita ou força de canhão.

Minhas Senhoras e meus Senhores

Hoje, como no ano transato, juntando a nós outras associações em que Combatentes se veem representados, comemorando conosco o Dia do Combatente, evocamos todos os Soldados Desconhecidos. Assim tem sido e continuará a ser. Sempre com a confortante presença de altas entidades civis e militares. Nos outros o Soldado Desconhecido ficou nas capitais. Em Portugal deu-se-lhe relevo, tranquilidade e valor, no Monumento da nossa Independência. No monumento das nossas Vitórias e também das nossas Derrotas. Porque é de umas e de outras que é feita a História de um povo. No monumento onde nunca mais deixou de arder a Chama da Pátria. E é evocando aqueles que, em circunstâncias normalmente muito difíceis, contribuíram para que essa História tenha séculos e os que hoje vivem, dela se orgulhem, que aqui estamos hoje. Evocando o passado difícil mas glorioso, mas o futuro que queremos em segurança, com desenvolvimento económico e social, em paz, liberdade e com um sentido patriótico. Desiludam-se aqueles que pensam que o patriotismo é fenómeno do passado. Continuam

brotando por esse país fora padrões que o sentimento do povo e dos seus representantes exige sejam erguidos aos que consideram terem sido dos seus maiores.

Amanhã estaremos na Maia, na inauguração de mais um monumento aos mortos da Guerra no Ultramar. Seguir-se-ão Santar, no distrito de Viseu e Vila Praia de Âncora. No dia 23 de Abril serão os açorianos, com o apoio do Governo dos Açores, a fazerem-no em Ponta Delgada. Em 25 de Abril em Oliveira do Bairro, com o apoio do Presidente da Câmara local. Seguir-se-ão Maiorga e Pisões no distrito de Alcobaça, o Entroncamento e outros. Sabemos que, hoje, ser Combatente é estar disponível para prevenção e manutenção da Paz, embora continuando preparado para fazer a guerra, se necessário. Mas as ameaças transnacionais que hoje se colocam aos povos exigem dos seus Combatentes profissionalismo e conhecimentos profundos dos princípios que previnam e garantam a Paz em Liberdade. Essas ameaças, se bem que graves, não são ainda motivo para justificar todos os meios. Em termos militares são mesmo ameaças menores. A resolução dos problemas da segurança nacional e do crime organizado e a sua prevenção, não exige ainda que se ponha em causa a paz social e a liberdade e garantias individuais.

Caros Combatentes:

O Dia do Combatente é o dia em que o Homem Combatente reafirma a sua permanente disponibilidade.

Hoje é 9 de Abril.

Hoje é dia dos Homens de Ourique, de Aljubarrota, da Restauração, da Grande Guerra, de La Lys, de Nambuangongo, do 25 de Abril e de tantos outros.

Hoje é dia de Memória. Hoje é dia de Presente.

Hoje é dia de confiança total no futuro de Portugal.